Onde mora o sentido? Significados e dilemas da docência em música na educação básica

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Rodrigo Lisboa da Silva
Universidade Federal da Paraíba
rodrigoltrombonista@gmail.com

Maura Penna
Universidade Federal da Paraíba
maurapenna@gmail.com

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado, em andamento, que tem como objetivo investigar as significações subjetivas de egressos da Licenciatura em Música da UFPB acerca de suas atuações como professores de Arte/Música na educação básica, pública e curricular da Paraíba. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa baseada em histórias de vida, envolvendo entrevistas narrativas e rodas de conversa como instrumentos de coleta. Para analisar os depoimentos coletados, recorremos à Logoterapia de Viktor Frankl e suas reflexões sobre o encontro do sentido de vida. Os resultados preliminares revelam sentidos contraditórios atribuídos à docência de música na escola básica: para alguns, trata-se de um espaço de realização e missão; para outros, atividade penosa marcada por sentimento de sobrecarga e desvalorização. Por fim, a análise dos depoimentos evidenciou que a autotranscendência pode emergir tanto na sala de aula quanto em práticas musicais fora da educação básica, sugerindo que o significado profissional depende das trajetórias de vida pessoais e das expectativas dos participantes referentes à atuação em música.

Palavras-chave: professores de música; histórias de vida; Logoterapia.

Introdução

Esta comunicação parte da experiência de seu primeiro autor enquanto professor de Arte na educação básica e egresso da licenciatura em música da Universidade Federal da Paraíba. Em conversas informais com colegas professores da área que também atuam na escola

básica, é possível escutar comentários que ressaltam uma predileção sobre a atuação profissional em performance – em bandas, orquestras, etc. – ou ensino de instrumento musical em escolas especializadas. Neste quadro, muitos consideram a atuação na educação básica como uma atividade penosa, mas que garante certa estabilidade financeira. Cabe destacar, ainda, que muitos desses professores tiveram sua formação em licenciatura em música voltada para a performance no instrumento, o que pode ocasionar um descompasso entre as expectativas de atuação profissional e as possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

Partindo destes dilemas, conduzimos uma pesquisa de doutorado, em andamento, que apresenta o seguinte problema de pesquisa: como licenciados em música que atuam no ensino curricular de Arte/Música percebem e significam seus percursos e atuações docentes? Esse problema, por sua vez, está desdobrado nos seguintes objetivos específicos: analisar as histórias de vida musical e os percursos de formação e atuação docente de licenciados em música pela UFPB que atuam na educação básica e curricular; compreender as motivações que levaram estes professores ao exercício docente na escola pública de educação básica; discutir os possíveis dilemas existentes entre as expectativas de formação em música e a atuação como professores neste contexto educativo; investigar as relações entre educação musical e Logoterapia na compreensão dos sentidos atribuídos à docência[1].

Nesta comunicação, compartilhamos os primeiros resultados do estudo, partindo da análise de trechos de depoimentos de cinco professores da área que trabalham neste contexto específico. Para tanto, apresentamos a Logoterapia enquanto lente teórica que norteia nossa análise; a metodologia adotada, com destaque para as entrevistas narrativas; os resultados parciais de nossa análise; por fim, as considerações finais.

Logoterapia e o sentido da vida

A Logoterapia, ou Teoria do Sentido de Vida, é uma abordagem de natureza teórica e

psicoterapêutica voltada à compreensão do modo como os indivíduos atribuem significado à própria existência (Aquino, 2014, p. 29). Desenvolvida pelo professor e psiquiatra

[1] Este estudo tem apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Viktor Emil Frankl (1905-1997), tem como base suas vivências enquanto prisioneiro em campos de concentração nazistas na Segunda Guerra Mundial (Frankl, 2022b, p. 137-138). Sobrevivente do holocausto, Frankl deu continuidade às suas reflexões sobre o significado da vida, sendo que suas experiências de resistência e superação diante do sofrimento nos campos de concentração foram fundamentais para o desenvolvimento da Logoterapia (Miguez, 2014, p. 17).

A Logoterapia sustenta que a busca por sentido constitui a principal força motivadora do ser humano (Aquino, 2013, p. 42; Dourado *et al*., 2010, p. 13; Frankl, 2022a, p. 124). Assim, ela não se limita à análise do passado do indivíduo, mas enfatiza, sobretudo, a projeção da vida em direção ao futuro enquanto campo de possibilidades para o encontro de significação e concretização de sentidos (Bruzzone, 2006, p. 6). Nesta direção, a Logoterapia busca "trazer o homem à consciência do seu ser-responsável, – enquanto fundamento essencial da existência humana" (Frankl, 2019, p. 81). Portanto, a Logoterapia é uma concepção de caráter humanista-existencial voltada para a busca de significado, apresentando três pilares básicos: *liberdade de vontade*, *vontade de sentido* e *sentido de vida*.

A *liberdade de vontade* refere-se à consciência e à capacidade do ser humano de realizar escolhas. Para Frankl, o indivíduo não é totalmente determinado, mas alguém capaz de responder, de forma consciente e responsável, às demandas e desafios que a vida lhe impõe (Aquino, 2013, p. 48-51). Apesar de reconhecer que o ser humano é influenciado por fatores biológicos, psicológicos e socioculturais, no entanto, afirma que esses condicionantes não retiram a liberdade humana de posicionar-se frente à realidade. Ao contrário, é justamente nessa tensão entre condicionamento e liberdade que emerge a responsabilidade do indivíduo pela autoria de sua existência (Frankl, 2003, p. 17; Freitas, 2017, p. 29-30; Miguez, 2014, p. 32-39).

Já a *vontade de sentido* é entendida como a motivação primária do ser humano manifestada na sua busca incessante por um significado na vida. Para Frankl (2019, p. 396), o ser humano é o único que busca atribuir significação para a vida e interpretar sua existência. Deste modo, o ser humano é capaz de orientar sua existência a partir do que ele denomina de "autotranscendência", ou seja, a capacidade de projetar-se para além do próprio eu em direção à realização de um sentido de vida (Frankl, 2019, p. 26). Assim, Frankl define a

autotranscendência como a capacidade de "o homem sempre 'apontar' para além de si próprio, na direção de alguma causa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama" (Frankl, 2020a, p. 28). A autotranscendência revela a abertura do ser humano ao mundo e sua vontade para buscar sentidos que vão além do plano individual (Aquino, 2023, p. 60; 2013, p. 57; Frankl, 2020b, p. 25; Miguez, 2014, p. 43). Portanto, Frankl (2020b, p. 28) defende que não cabe ao ser humano buscar diretamente a felicidade, mas sim um motivo para ser feliz, pois a autorrealização é consequência da autotranscendência.

Deste modo, Frankl aponta que o ser humano pode encontrar sentido de vida a partir de três categorias de valores: 1) "valores criativos": trata-se de um agir sobre o mundo presente, por exemplo, na dedicação do ser humano a uma criação artística, ao trabalho etc.; 2) "valores vivenciais": expressos nas experiências com a natureza, a cultura, o amor, experiências artísticas e musicais; 3) "valores atitudinais": manifestados nas posturas de coragem dos seres humanos diante de uma fatalidade ou sofrimento inevitável – como numa doença grave, por exemplo. (Aquino, 2014, p. 33, 71; Frankl, 2020b, p. 34; 2019, p. 111-114, 192; Dourado *et al.*, 2010, p. 42; Miguez, 2014, p. 125).

Sob este ponto de vista, cada ser humano é desafiado pela vida e, assim, busca um projeto ao qual possa se dedicar e encontrar um possível sentido de vida pessoal. Desta forma, Frankl (2019, p. 105-106) afirma que o *sentido de vida*, terceiro pilar da Logoterapia, é singular e irrepetível, variando de pessoa para pessoa, uma vez que tanto as situações existenciais quanto as respostas que damos diante delas são únicas em cada trajetória individual. Além disso, o sentido de vida não é fixo nem estático. Ele pode se transformar ao longo do tempo, exigindo que o indivíduo esteja aberto e preparado para identificar novas possibilidades e se posicionar responsavelmente diante das mudanças que a vida lhe impõe. A descoberta do sentido de vida não ocorre de maneira aleatória ou arbitrária, mas através de um processo que exige abertura da pessoa humana aos valores – criativos, vivenciais e atitudinais –, assim como consciência e responsabilidade em relação à própria existência (Frankl, 2022a, p. 102, 133; 2022b, p. 38).

Nesta perspectiva, a profissão pode ser um meio para o encontro do sentido de vida. Contudo, Fabry (1984, p. 65-66) alerta que, com frequência, o indivíduo é tratado no ambiente de trabalho como uma engrenagem cujo valor reside unicamente na eficiência de seu

desempenho. Nessa lógica capitalista, o trabalhador tende a ser reduzido a uma função mecânica, desprovida de significado existencial. Diante disto, o autor enfatiza que são poucas as profissões que possibilitam ao sujeito realizar atividades verdadeiramente significativas, capazes de favorecer a expressão de sua singularidade e a vivência de sentido.

Desta forma, Frankl (2019, p. 205) adverte que "não é, por conseguinte, um determinado tipo de profissão o que oferece ao homem a possibilidade de atingir a plenitude". Assim, a profissão é uma oportunidade para a realização de valores criativos. Entretanto, não garante o encontro do sentido de vida, pois isto depende da maneira como significamos e nos relacionamos com ela (Frankl, 2019, p. 206). Nesta perspectiva, o trabalho pode ser encarado de maneira significativa ou a partir de um sentimento de vazio que, por sua vez, pode manifestar-se em estados de tédio, indiferença, conformismo, crises existenciais, etc. (Aquino, 2023, p. 49; 2013, p. 69; Dourado *et al*., 2010, p. 29; Frankl, 2022a, p. 131-132; Miguez, 2014, p. 84).

Portanto, é importante que a profissão não seja supervalorizada como único conteúdo possível de sentido na vida, pois o ser humano também pode encontrar significado através de outras atividades que não um trabalho formal: leituras, estudos, trabalhos voluntários, relações com a música, etc. (Frankl 2019, p. 211-212; Lukas, 1992, p. 124). Conforme Crnkovic *et al*. (2024, p. 10), o ser humano pode encontrar atividades significativas fora do trabalho que tragam a sensação de plenitude e sentido de vida.

Nossa pesquisa não busca realizar uma intervenção psicoterapêutica com nossos participantes. Utilizamos a logoterapia para fins de análise de suas histórias de vida, reforçando que os pressupostos teóricos de Frankl mostram-se importantes para a área de educação musical, sobretudo em nosso projeto que busca discutir os significados da atuação na escola básica a partir de relatos de professores de música.

Metodologia

Para cumprir os objetivos de nossa pesquisa, utilizamos a metodologia das histórias de vida, baseando-se nas concepções de Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 90-113), Flick (2004, p. 100-115) e Penna e Silva (2025, p. 10-15). Por seu caráter qualitativo, este estudo busca

interpretar os relatos dos participantes e suas relações com a música e a docência com base na Logoterapia.

Os participantes da pesquisa serão seis professores com formação em licenciatura em Música pela UFPB que deverão atender aos seguintes critérios: terem ingressado como efetivo de uma rede pública de ensino da Paraíba através de concurso público; serem responsáveis por aulas de Arte e/ou Música há no mínimo um ano letivo; estar em efetivo exercício de suas funções.

O processo seletivo para o ingresso na licenciatura em música da UFPB combina à nota do Enem provas específicas de instrumento e de teoria e percepção musical (UFPB, 2025). Desta forma, são privilegiados candidatos que já possuem formação musical prévia na família, em escolas especializadas, cursos técnicos ou bandas de música, por exemplo. Já durante a graduação, o licenciando precisa fazer aulas específicas de seu instrumento musical por no mínimo oito semestres e apresentar um recital de conclusão ao final do curso. Essa ênfase da performance na licenciatura nem sempre se alinha às exigências e realidades do ensino curricular de Arte/Música na educação básica, o que pode gerar um distanciamento entre a formação recebida e a prática docente.

Com vistas a investigar as significações e percepções desses professores sobre a docência na educação básica, utilizamos como instrumentos de coleta “entrevistas narrativas” em duas etapas. A primeira etapa tem como base uma pergunta norteadora ampla e comum a todos os participantes, buscando estimulá-los a compartilhar seus relatos de vida (Flick, 2004, p. 110-115). Após a transcrição das primeiras entrevistas, uma segunda rodada de coleta está sendo conduzida com os participantes. Essas segundas entrevistas são constituídas por um roteiro de perguntas abertas, elaboradas em função das primeiras entrevistas narrativas, visando a retomada e aprofundamento de questões levantadas nos depoimentos iniciais.

A proposta de utilizar duas entrevistas narrativas permitiu-nos coletar depoimentos amplos que apresentam as histórias de vida musical dos participantes, desde os primeiros contatos com a música na infância até os dias atuais. Neste caso, as temáticas discutidas em nossa pesquisa emergem dos relatos dos participantes sobre suas histórias de vida, o que se diferencia de um esquema de perguntas previamente elaborado e que busca direcionar os depoimentos a aspectos de interesse do pesquisador (cf. Penna; Silva, 2025, p. 5-6).

Após a aplicação das duas entrevistas narrativas, planejamos realizar "rodas de conversas" com os entrevistados que se dispuserem a participar, baseando-se nas concepções de Warschauer (2017, p. 210). Essas reuniões ocorrerão de maneira *online*, propiciando momentos de negociação, partilha, discussão de ideias e reflexões. Vale explicitar que esta etapa ainda não foi realizada, diferentemente das entrevistas narrativas que já foram aplicadas com parte dos participantes.

Os áudios das entrevistas narrativas estão sendo transcritos pessoalmente pelo pesquisador[2], sendo que os trechos citados na pesquisa recebem tratamento gramatical. Os participantes são identificados como Professor 1, Professor 2, e assim por diante. Nomes de escolas e pessoas, dentre outras informações, são omitidos por questões de ética e anonimato (Gibbs, 2009, p. 30-31). Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com os procedimentos da pesquisa e seu caráter de participação voluntária[3].

Como procedimento de análise, adotamos a *leitura em três tempos* adaptada da proposta de Souza (2004, p. 122-129). Nessa perspectiva, a análise ocorrerá em três momentos: 1) elaboração do perfil biográfico do participante – idade, tempo de trabalho, expectativas perante a profissão etc.; 2) categorização dos trechos dos depoimentos dos participantes em unidades temáticas; 3) interpretação e análise dos relatos com base em estudos da educação musical e da Logoterapia de Frankl.

No momento, cinco professores já tiveram seus dois depoimentos coletados, e estamos na etapa de transcrição e análise preliminar das entrevistas narrativas.

[2] Para auxiliar nas transcrições dos depoimentos, utilizamos o site "Riverside" disponível em: https://riverside.fm/transcription. Acesso em: 08 jul. 2025.

[3] O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa sob o número CAAE 79418924.7.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 04 de julho de 2024.

Quadro 1: Participantes da pesquisa

Participante	Idade	Gênero	Tempo de atuação na escola básica como professor de Arte/Música
Professor 1	31 anos	masculino	4 anos
Professor 2	35 anos	masculino	4 anos
Professora 3	46 anos	feminino	1 ano
Professora 4	40 anos	feminino	10 anos
Professora 5	47 anos	feminino	10 anos

Atualmente, estamos em processo de elaboração dos dois primeiros tempos da análise, ou seja, da organização do perfil biográfico dos participantes e da categorização de seus depoimentos. Deste modo, apresentamos aqui os resultados iniciais que tratam dos sentidos da docência na educação básica relatados por estes professores.

Resultados iniciais

Os depoimentos dos participantes de nossa pesquisa revelam que as relações com a educação básica podem oscilar entre o senso de satisfação com a profissão e a falta de sentido. Nesta direção, todos apontaram dificuldades no exercício da docência em sala de aula: desvalorização do componente de Arte e a necessidade de trabalhar as diversas linguagens artísticas (polivalência), desinteresse e indisciplina dos alunos, pouca conexão entre o que foi ensinado na licenciatura e a realidade da escola, dentre outras. Contudo, tais problemáticas nem sempre impedem a atribuição de sentido ao ensino de música na educação básica.

Nesta direção, o Professor 1 revela que, no início de sua formação, pretendia seguir carreira com foco no instrumento musical, porém, atualmente é professor de Arte em duas escolas públicas da região metropolitana de João Pessoa. Apesar dessa mudança de expectativas, ele destaca que se sente satisfeito com a profissão e que atualmente a prática do instrumento é secundária:

> *Sou muito satisfeito com a educação básica, me sinto realizado. Apesar de não ter seguido aquele pensamento, aquela perspectiva que tive logo quando cheguei ao curso: "Ah, eu quero ganhar dinheiro para tocar". Hoje, eu levo a música mais como um hobby, né? Ganho dinheiro com música, mas é um meio extra, não me sustento através da música. Eu me sustento através da minha prática como professor de artes*. (Prof.1, E1, 08 jan. 2025)[4].

Na mesma direção, o depoimento da Professora 3 mostra que a docência na educação básica é significativa em sua vida. Além disso, ela destaca que se sente mais respeitada pelos alunos da escola em que leciona – situada no interior do estado – do que se estivesse dando aula em periferias da capital.

> *Eu estou muito feliz em estar dando aula lá. Também tem um detalhe muito importante, os alunos, o clima e o sistema de uma escola interior é diferente dos centros urbanos. Eles respeitam mais. Tem uns que bagunçam muito, mas você chama e dá uma conversada boa, sabe? Conversa, se não se endireitar, chama a direção e todo mundo conversa junto, chama os pais. Mas em comparação, aqui [na capital] é bem pior, aqui é bem pior. Então também tem isso.* (Profa. 3, E2, 11 fev. 2025).

Ela aponta, ainda, que recebeu convites para deixar a sala de aula e assumir uma banda escolar. Contudo, recusou o convite, optando por permanecer como professora de Arte. Isso mostra que o exercício docente como professora de Arte tem papel significativo em sua vida, uma vez que poderia ter escolhido trabalhar com o ensino de instrumento musical nas bandas escolares.

Já a Professora 4 destaca que, no início de sua carreira, sentia uma sensação de desespero, pois não almejava atuar na educação básica.

> *Eu fiquei lá, menino, meu Deus do céu, mas eu chorava todos os dias, quase todos os dias [risos]. A escola é ótima, assim, entendeu? Mas é por causa desse processo que você está justamente pesquisando. Porque essa coisa do choque, entendeu? Eu não pensava em ser professora. Simplesmente eu fiz o concurso por causa dessa coisa que eu estou dizendo. Eu queria um trabalho fixo.* (Profa. 4, E1, 27 fev. 2025).

[4] A indicação entre parênteses refere-se ao número do professor, ao número da entrevista e à data em que foi realizada. Mantemos em itálico trechos de depoimentos com vistas a diferenciá-los de citações bibliográficas.

Sobre este aspecto, Huberman (2013, p. 39) enfatiza que os primeiros anos de inserção na carreira docente podem ocasionar o "choque de entrada", ou seja, uma sensação de desespero e ansiedade diante dos desafios da escola, principalmente quando a docência é tida como provisória ou escolhida a contragosto. Porém, essa aflição inicial pode ser substituída por uma sensação de estabilização na carreira. Como apontam Sobreira e Fetzner (2024, p. 23-24), o tempo na carreira docente traz experiência que, por sua vez, pode ser revertida numa maior sensação de segurança e tranquilidade com a profissão.

Neste quadro, a Professora 4 revela que sua percepção da educação básica foi sendo ressignificada e é encarada, atualmente, como uma "missão":

> *Então, de fato, [a escola básica] é meu campo missionário mesmo. No caso, totalmente ressignificado [...]. O professor precisa [...] ter um mínimo de sensibilidade de entender que ele está lá para poder contribuir com a vida daquelas pessoas. Não é só para poder dar conteúdo e muito menos só para receber [um salário]. Porque se for para só receber pode ter certeza de que na outra semana ele está pedindo demissão [risos]. Não vai aguentar, de jeito nenhum! Eu acredito que todo mundo que está lá dando aula deve ter esse um pouquinho de amor.* (Profa. 4, E2, 20 mar. 2025).

Os relatos acima mostram que a docência na educação básica pode ser objeto de autotranscendência humana, ou seja, de uma abertura do professor para contribuir com a formação de seus alunos (Frankl, 2020a, p. 28). Neste caso, reforçamos a importância dos valores vivenciais expressos no compromisso com a educação e no "amor" aos estudantes. Além disso, a Logoterapia auxilia-nos na compreensão de que não cabe ao professor buscar diretamente uma sensação de satisfação no trabalho, mas sim valores para autotranscender, já que a felicidade deriva da autotranscedência (Frankl, 2020b, p. 28-34).

Contrastando com os relatos acima, as relações com a educação básica podem ser encaradas como um "peso", como é o caso do Professor 2:

> *Lá atrás, se tivesse uma máquina do tempo, você voltasse: "olha, teu emprego principal vai ser... vai passar 15 anos dando aula na educação básica, fundamental 2, tal... E não é professor de música, não. Vai passar para professor de Arte. E queira ou não, uma vez ou outra você vai ter que dar uma explicação, algo do tipo, de uma coisa que você não viu nada!" Eu não queria!* (Prof. 2, E2, 21 jan. 2025).

Em outro momento de seu relato, esse mesmo professor revela que a prática de tocar o instrumento musical é bastante significativa em sua vida, o que não ocorre com a docência na escola básica. Como visto, o ser humano pode encontrar sentido em tarefas não necessariamente ligadas a uma atividade profissional remunerada (Crnkovic et. al., 2024, p. 10; Frankl 2019, p. 211).

> *Eu vou com o maior prazer do mundo [tocar]. E eu quero viver isso aí, vivenciar isso aí até o dia que der. Eu não posso falar a mesma coisa de tipo dar aula, por exemplo: "Ah, eu quero dar aula até..." Se eu pudesse me aposentar hoje, eu me aposentava da sala de aula. Porque o [instrumento], como eu falei, está naquele patamar do hobby [...] que você se empenha mais, gasta dinheiro do bolso para participar de algo como um festival.* (Prof. 2, E2, 21 jan. 2025).

Assim como o Professor 2, a Professora 5 enfatiza que aguarda a aposentadoria da educação básica: *"eu me sinto contando os dias para não ficar mais lá"* (Profa. 5, E2, 10 mar. 2025). Ela aponta que a rotina desgastante e a sobrecarga de trabalho são alguns fatores que a fazem pensar em deixar a educação básica.

> *Saúde do professor, valorização. Então, é uma sobrecarga muito grande, né? O professor tem que dar 40, 50, 60 aulas por semana. Não tem vida! Precisa ter vida também. [...] É uma profissão que você leva a tarefa para casa. Muitas profissões você vai para o trabalho, quando você sai, você deixou o trabalho no trabalho. E o professor não, ele não tem folga, não tem descanso. Então, a saúde mental adoece com muita frequência. [...] Leva muita coisa, tem que chegar com muito material preparado. É em uma carga horária gigante de aula, é impossível você... Você não tem vida! Fica mais com seus alunos do que com sua família, né? Chega o final de semana, você não vai descansar, você vai preparar tudo, planejar a semana inteira.* (Profa. 5, E2, 10 mar. 2025).

Como visto, a lógica da eficiência e da produtividade que permeia os ambientes de trabalho pode ser um dos fatores para a falta de significado na profissão, e isso vale para os professores também (Fabry, 1984, p. 65-66). No caso dos professores 2 e 5, seus depoimentos indicam que não encontram um sentido de vida na docência na educação básica, o que não quer dizer que não cumpram com suas obrigações enquanto professores. Contudo, essa falta de sentido pode revelar situações de tédio, indiferença ou vazio existencial (cf. Frankl, 2022a, p. 131-132; Miguez, 2014, p. 84). Deste modo, Frankl (2020b, p. 135) ressalta que "o que

ameaça o homem contemporâneo é a suposta ausência de sentido", ou seja, o "vazio existencial".

Já na educação musical, Gaulke (2019, p. 141) aponta que o desenvolvimento profissional e a permanência dos professores de música na escola básica estão relacionados ao sentido atribuído à profissão docente, sentido este encontrado especialmente nas relações com "o outro". Tal premissa dialoga com Frankl (2020a, p. 28) que, como visto, defende a capacidade de o ser humano autotranscender em direção ao mundo.

> O sentido do trabalho é uma alavanca do desenvolvimento profissional. No entanto, esse sentido do trabalho não está relacionado somente ao que o professor sente da sua atuação, nem ao entendimento do trabalho como uma missão para o professor, mas, sim, aos diversos sentidos atribuídos pelos professores, incluindo o sentido para o outro, a percepção de que o seu trabalho é significativo para os outros, a percepção de que esse trabalho se cumpre com um sentido. (Gaulke, 2019, p. 140).

Dessa maneira, as rodas de conversa, propostas em nossa metodologia, poderão configurar-se como ocasiões não somente para troca de informações entre seus participantes, mas também para ressignificações e reflexões sobre as possíveis causas do sentimento de vazio no trabalho e os sentidos atribuídos à escola básica – é o que esperamos.

Considerações finais

Pelo exposto, os depoimentos dos professores corroboram o pensamento de Frankl (2019, p. 105-106) de que o sentido de vida é único e intransferível, variando de indivíduo para indivíduo e de situação para situação. Neste caso, a significação dos professores sobre a docência na escola básica relaciona-se aos seus percursos de formação e às expectativas de atuação profissional na área de música.

Nos limites desta comunicação, não foi possível discutir exaustivamente as histórias de vida dos participantes, as quais as entrevistas narrativas nos permitiram acessar. Cabe destacar, porém, que o uso desses instrumentos de coleta tem-se mostrado favorável ao nosso estudo. Os participantes têm compartilhado aspectos subjetivos de suas histórias de vida e as significações da docência na escola básica de maneira livre e sem maiores interferências do pesquisador. Esse caráter amplo e não diretivo das narrativas resultou em depoimentos longos

– muitos com mais de três horas ininterruptas de gravação –, o que mostra um engajamento dos participantes com a metodologia adotada e com a possibilidade de falarem abertamente sobre suas histórias de vida com a música. Nesta direção, seus depoimentos mostram percursos formativos complexos e permeados por significados, projetos de vida, mudanças de perspectivas, dilemas e conquistas, aproximações e afastamentos com a música e a docência.

Nosso estudo encontra-se em fase inicial de coleta e categorização dos dados. Neste quadro, pretendemos entrevistar mais um professor de música que atua em escolas básicas. Além disso, ainda não realizamos as rodas de conversa previstas em nosso projeto. Deste modo, esta comunicação é apresentada não com o objetivo de trazer conclusões, mas sim de compartilhar os caminhos já percorridos na pesquisa, para a discussão com os pares.

Referências

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *Logoterapia e análise existencial*: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2014.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *Reflexões acerca do sentido da vida*: a partir do pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2023.

BRUZZONE, Daniele. El método dialógico: de Sócrates a Frankl: sobre la naturaleza educativa del proceso logoterapéutico. *Revista Mexicana de Logoterapia*, México, v. 6, n. 16, 2006.

CRNKOVIC, Luciana; BARROZO, Glenda Cristina da Silva; OLIVEIRA, Juliana Balizardo de; PEREIRA, Karine Brandão. Sentido do trabalho e insatisfação profissional: contribuições da logoterapia. *EDUCAFOCO*: educação, pesquisa e formação continuada, São Paulo, v. 5, n. 2, 2024. Disponível em: https://educafoco.italo.br/index.php/educafoco/article/view/164. Acesso em: 05 set. 2024.

DOURADO, Érica Tailane Silva; FIGUEIRÊDO, Ana Thaís Belém de; FARIAS, Estefânia Coeli Santos de; CAVALCANTE, Terezanisia Guerra; AQUINO, Thiago Antônio Avellar de; SILVA, Joilson Pereira da. Fundamentos antropológicos da Logoterapia e Análise Existencial. *In*: DAMÁSIO, Bruno Figueiredo; SILVA, Joilson Pereira da; AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. *Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus, 2010. cap. 1, p. 13-52.

FABRY, Joseph B. *A busca do significado*. 2. ed. São Paulo: ECE, 1984.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia y existencialismo*: escritos selectos sobre logoterapia. Barcelona: Herder, 2003.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e sentido de vida*. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019.

FRANKL, Viktor E. *Sede de Sentido*. 5. ed. São Paulo: Quadrante, 2020a.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e existencialismo*: textos selecionados em logoterapia. São Paulo: É Realizações, 2020b.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração. 57. ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2022a.

FRANKL, Viktor E. *Sobre o sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 2022b.

FREITAS, Marina Lemos Silveira. *Pedagogia do sentido*: contribuições de Viktor Frankl para a educação. Ribeirão Preto: IECVF, 2017.

GAULKE, Tamar Genz. O desenvolvimento profissional de professores de música da educação básica: um estudo a partir de narrativas autobiográficas. *Revista da Abem*, [*s. l.*], v. 27, n. 42, p. 131-148, 2019. Disponível em: https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/817. Acesso em: 09 jul. 2025.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Ed., 2013. p. 31-61.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. cap. 4, p. 90-113.

LUKAS, Elisabeth. *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes: 1992.

MIGUEZ, Eloisa Marques. *Educação em busca de sentido*: pedagogia inspirada em Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2014.

PENNA, Maura; SILVA, Rodrigo Lisboa da. "Conte sobre sua relação com a música": pesquisando com narrativas (auto)biográficas na Educação Musical. *Per Musi*, Belo Horizonte, v. 26, p. 1-32, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pm/a/ZVM5gNtYJj5xygkdcwfWM6j/. Acesso em: 14 abr. 2025.

SOBREIRA, Silvia; FETZNER, Andréa Rosana. Não tem Dalcroze e Orff que deem conta: desafios iniciais da docência em música. *Revista da Abem*, [*s. l.*], v. 32, n. 1, 2024. Disponível em: https://bit.ly/499GCHu. Acesso em: 08 jul. 2025.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si*: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Terra, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10267. Acesso em: 26 fev. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Edital PRG-CA, Nº 6/2025. *Processo seletivo de conhecimentos específicos (PSCE)*, João Pessoa, 2025. Disponível em: https://www.prg.ufpb.br/prg/codesc/processos-seletivos/noticias/processo-seletivo-deconhecimento-especifico-psce-2025/edital-psce-2025.pdf. Acesso em: 9 jul. 2025.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede*: oportunidades formativas na escola e fora dela. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.